

DOSSIÊ DEVOÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE

doi: [10.25247/paralellus.2024.v15n36.p209-220](https://doi.org/10.25247/paralellus.2024.v15n36.p209-220)

**A LEGITIMAÇÃO DA SUBALTERNIDADE DA MULHER NO
CRISTIANISMO E NO ISLÃ: ALGUNS APONTAMENTOS**

THE LEGITIMATION OF WOMEN'S SUBALTERNITY IN CHRISTIANITY AND
ISLAM: SOME NOTES

LA LEGITIMACIÓN DE LA SUBALTERNIDAD DE LAS MUJERES EN EL
CRISTIANISMO Y EL ISLAM: ALGUNAS NOTAS

*Claudia Neves da Silva**

*Ana Karolina**

RESUMO

A religião é um sistema de doutrinas e práticas existente em todos os países; um importante sistema que garante e mantém a coesão social por meio da racionalização de concepção de mundo e de comportamentos de homens e mulheres, além de determinar e legitimar o lugar do homem e da mulher na sociedade. A partir dessas considerações, temos por objetivo no artigo em tela, entender como o cristianismo e o islamismo reforçam e legitimam a subalternidade da mulher. Por meio da leitura da Bíblia e do Alcorão, livros considerados sagrados pelas duas religiões, destacamos algumas passagens que justificam e reforçam a ideia de que a mulher deve ser obediente e subserviente ao marido. Assim, a partir de algumas passagens da Bíblia e do Alcorão, interpretadas conforme a perspectiva e o interesse dos líderes religiosos, a mulher deve ser submissa ao seu marido, já que ele foi imbuído pela autoridade divina para comandar e direcionar a família.

* Pós-Doutora em Serviço Social. Doutora em História Social. Profa. do Programa de Pós Graduação em Serviço Social e Política Social / UEL e do Depto de Serviço Social. E-mail: claudianeveess@uel.br.

* Graduanda do curso de Serviço Social pela Universidade Estadual de Londrina, com interesse na área de ciências sociais, Serviço Social. Colaboradora do Projeto de Pesquisa Gênero e Religião. E-mail: ana.karolina.celestino@uel.br.

Palavras-Chave: Mulher; Subalternidade; Cristianismo; Islamismo.

ABSTRACT

Religion is a system of doctrines and practices existing in all countries; an important system that guarantees and maintains social cohesion through the rationalization of the conception of the world and the behavior of men and women, in addition to determining and legitimizing the place of men and women in society. From these considerations, we aim in the article in question, to understand how Christianity and Islam reinforce and legitimize the subalternity of women. By reading the Bible and the Koran, books considered sacred by both religions, we highlight some passages that justify and reinforce the idea that a woman should be obedient and subservient to her husband. Thus, based on some passages from the Bible and the Koran, interpreted according to the perspective and interest of religious leaders, the woman must be submissive to her husband, since he was imbued with divine authority to command and direct the family.

KeyWords: Woman; Subalternity; Christianity; Islam.

RESUMEN

La religión es un sistema de doctrinas y prácticas que existe en todos los países; un sistema importante que garantiza y mantiene la cohesión social racionalizando la concepción del mundo y el comportamiento de hombres y mujeres, así como determinando y legitimando el lugar de hombres y mujeres en la sociedad. Partiendo de estas consideraciones, el objetivo de este artículo es comprender cómo el cristianismo y el islam refuerzan y legitiman la subalternidad de las mujeres. A partir de la lectura de la Biblia y del Corán, libros considerados sagrados por ambas religiones, destacamos algunos pasajes que justifican y refuerzan la idea de que las mujeres deben ser obedientes y estar supeditadas a sus maridos. Así, basándonos en ciertos pasajes de la Biblia y el Corán, interpretados según la perspectiva y los intereses de los líderes religiosos, la mujer debe ser sumisa a su marido, ya que éste ha sido imbuido de la autoridad divina para mandar y dirigir a la familia.

Palabras clave: Mujeres; Subalternidad; Cristianismo; Islam.

1. INTRODUÇÃO

A religião é um sistema de doutrinas e práticas existente em todos os países, em que os indivíduos embasam suas vidas em torno de suas crenças e as tem como verdades inabaláveis. Dogmas escritos séculos atrás são interpretados de forma literal ainda hoje, gerando preconceito contra as novas formas de viver e pensar da sociedade contemporânea. E as mulheres é a parcela da população que mais sofre com essa religiosidade radical. Livros considerados sagrados descrevem as

mulheres como inferiores e submissas, como aquelas que devem respeito e obediência aos homens, reforçando o machismo e obrigando a mulher lutar cotidianamente contra a opressão, a violência e pelo direito de decidirem pelo próprio corpo.

Em uma perspectiva sociológica, as religiões são um conjunto de dogmas e doutrinas que determinam como os indivíduos devem viver em comunidade, com regras conservadoras sobre as funções desempenhadas pelo homem e pela mulher no corpo social. Auguste Comte entendia as religiões como um obstáculo ao progresso da ciência; porém, em contrapartida, ele acreditava ser fundamental a criação de uma religião civil para a nova sociedade, encarregada de elaborar suas doutrinas. No primeiro caso, Comte descartava as religiões como a fonte de explicação para se compreender a humanidade e a natureza, convicto que a ciência iluminista realizava plenamente este papel. No segundo caso, ele sentia necessidade de fundar um edifício místico que assegurasse sentido e coerência aos grupos participantes da sociedade moderna (BAPTISTA, 2004).

Durkheim tratava a religião como um sistema solidário de crenças e de práticas relativas às coisas sagradas, reunindo em uma mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a ela aderissem (BAPTISTA, 2004).

Marx tinha como ideal a emancipação humana e entendia a religião como um esforço frustrado para alcançar esse propósito. Ele apontava a necessidade de um estudo das ligações que os homens conservavam entre si, para compreender o motivo pelo qual as religiões se apresentavam como sendo uma organização crucial à vida humana. Para Marx, a religião seria o efeito da imperfeita consciência que o homem tem de si como ser social, para ele uma sociedade sem autonomia fabricaria a religião (BAPTISTA, 2004).

Weber vê nas religiões o empenho da racionalidade para atribuir coerência à condição de vida do ser humano em sociedade. Os estudos weberianos tem como foco comparar a influência dos vários pensamentos religiosos sobre vários procedimentos econômicos, entendendo através de relações diretas e indiretas, como se dá a formação dos respectivos sistemas civilizatórios (BAPTISTA, 2004).

Como podemos verificar a partir dos principais estudiosos da sociedade, a religião garante e mantém a coesão social por meio da racionalização de concepção de mundo e de comportamentos de homens e mulheres, além de determinar e legitimar qual é o lugar do homem e da mulher na sociedade: enquanto o primeiro é o porta voz de Deus e guia para o/pelo caminho correto, o papel da mulher é a criação dos filhos e os cuidados da casa. Enfim, impõe e reproduz concepção de mundo e normas de comportamento tendo em vista uma hierarquia a ser respeitada, seja pela coação, seja pela coerção.

A partir dos apontamentos acima, temos por objetivo no artigo em tela, entender como o cristianismo e o islamismo reforçam e legitimam a subalternidade da mulher. Por meio da leitura da Bíblia e do Alcorão, livros considerados sagrados pelas duas religiões, destacamos algumas passagens que justificam e reforçam a ideia de que a mulher deve ser obediente e subserviente ao marido.

2. GÊNERO E RELIGIÃO: SUBSERVIÊNCIA E RESISTÊNCIA

As doutrinas religiosas, sejam elas cristãs ou islâmicas, impõem e reforçam, por meio da interpretação de trechos da Bíblia e do Alcorão, qual o papel e o comportamento do homem e da mulher na sociedade. Normas reproduzidas como emanadas de Deus ou Alá. Nessa perspectiva, as igrejas e mesquitas reproduzem com competência e êxito os valores patriarcais, justificando a partir dos escritos da Bíblia e do Alcorão, o papel da mulher na sociedade, a autoridade do pai e marido sobre a filha e esposa, a maternidade como fim último da mulher.

Como destacado por Silva (2020, p.189):

[...] entendemos que os valores e princípios religiosos são construções e elaborações individuais estreitamente vinculados à história de cada pessoa, as quais por sua vez, são influenciadas pelo modo de produção e organização de uma dada sociedade. Enfim, os valores e princípios não se constituem de forma isolada, mas encontram-se vinculados ao processo histórico social global.

Maria José Rosado-Nunes, que pesquisa gênero e religião, afirma que apesar de as mulheres comporem a maioria da população de fiéis das igrejas, estão em posições subalternas e sua presença é sempre silenciosa (ROSADO-NUNES, 2006). Basta

observarmos que a presença feminina como liderança em igrejas cristãs, mesquitas e mosteiros é muito pequena, senão inexistente.

Apesar da diferença teológica e doutrinária entre o cristianismo e o islamismo, no que se refere ao comportamento de homens e mulheres há uma convergência de posicionamento político e doutrinário: não devem competir, mas submeter suas vontades e forças ao poder da autoridade, principalmente religiosa. Conforme Paulo escreveu na Bíblia:

7 - Quanto ao homem, não deve cobrir sua cabeça, porque é imagem e esplendor de Deus a mulher é o reflexo do homem; 8 - Com efeito, o homem não foi tirado da mulher, mas a mulher do homem; 9 - nem foi o homem criado para a mulher, mas sim a mulher para o homem; 10 - Por isso a mulher deve trazer o sinal da submissão sobre sua cabeça, por causa dos anjos (I Cor. 11, 7-10).

No Alcorão, também se encontram suratas (nome dado a cada capítulo do Alcorão) que expressam normativas relacionadas às mulheres:

Dize às fiéis que recatem os seus olhares, conservem os seus pudores e não mostrem os seus atrativos, além dos que (normalmente) aparecem; que cubram o colo com seus véus e não mostrem os seus atrativos, a não ser aos seus esposos, seus pais, seus sogros, seus filhos, seus enteados, seus irmãos, seus sobrinhos, às mulheres suas servas, seus criados isentas das necessidades sexuais, ou às crianças que não discernem a nudez das mulheres; que não agitem os seus pés, para que não chamem à atenção sobre seus atrativos ocultos. Ó fiéis, voltai-vos todos arrependidos, arrependidos, a Deus, a fim de que vos salve! (ALCORÃO, 24:31)

Quanto a situação da mulher na sociedade, os líderes religiosos de ambas as religiões apresentam mandamentos divinos para estabelecerem que a mulher alcançará sua realização pessoal na constituição de uma família, quando encontrará o amor e a proteção de um homem, e na maternidade. Destacam que a mulher, com sua doçura e feminilidade, conquistará o homem e colaborará com ele, cultivando a harmonia e a compreensão mútua, e levando-o a rever seu comportamento se por ventura cometer algum ato que possa colocar em perigo o equilíbrio e a paz familiar.

Abaixo, destacamos trechos do Alcorão e da Bíblia que abordam o papel da mulher e como deve agir na sociedade: “De modo que mulheres virtuosas são as que são

obedientes, e guardam os segredos de seus maridos com a proteção de Allah.” (Alcorão, 4:35).

Na Bíblia destacamos a seguinte passagem:

A beleza de vocês não deve estar nos enfeites exteriores, como cabelos trançados e joias de ouro ou roupas finas. Ao contrário, esteja no ser interior, que não perece, beleza demonstrada num espírito dócil e tranquilo, o que é de grande valor para Deus. Pois era assim que também costumavam adornar-se as santas mulheres do passado, cuja esperança estava em Deus. Elas se sujeitavam cada uma a seu marido, como Sara, que obedecia a Abraão e o chamava senhor. Dela vocês são filhas, se praticarem o bem e não derem lugar ao medo (1 Pedro 3: 1-6)

Para Linda Woodhead (2013), a religião também está conectada à ordem sexual. Essa junção, contudo, só é imediata em uma prática constante definida por vários fatores, principalmente o método particular utilizado por essa religião em relação ao gênero. Assim, dois aspectos precisam ser examinados na divisão do poder, que é um dos componentes da desigualdade de gênero. O primeiro aspecto é o método como a religião utiliza no que se refere às configurações do poder secular, tendo como foco a questão de gênero, e o segundo aspecto é a maneira como a religião se estabeleceu perante as relações de dominação presentes.

Não obstante a luta das mulheres por direitos iguais, pelo fim da violência, o conservadorismo religioso mostra-se forte e influente entre homens e mulheres de diferentes grupos sociais. Conforme Rosado (2017), novas modalidades conservadoras surgiram no contexto atual, com um viés excludente na perspectiva econômica, de caráter racista, patriarcal e repressivo.

De acordo com Silva (2021, p. 85 2021):

O avanço das ideias e ideais religiosos impondo normas de comportamento e concepção de mundo, é uma das consequências (ou uma das causas?) da contraofensiva do conservadorismo em todos os campos – social, político, econômico, cultural e religioso.

Nesse sentido, a religião vem reforçar e garantir a ordem social – patriarcal, racista e capitalista.

3. DIFERENTES NA DOCTRINA, MAS PRÓXIMAS NA QUESTÃO DA MULHER

Assim como o cristianismo apresenta grupos religiosos distintos entre si, como católicos, evangélicos, por exemplo, o mesmo acontece no Islã. Porém, diferente do cristianismo, o Islã é composto por apenas dois grupos: sunitas e xiitas. Essa divisão da religião islâmica ocorreu com a morte do Profeta Maomé (570-632), levando a fragmentação dos muçulmanos em duas concepções religiosas: enquanto uma parte da população acreditava que a partir da morte de Maomé o novo líder teria de ser escolhido pelo próprio povo, dando origem ao grupo sunita, a outra parcela dos muçulmanos defendia que o novo profeta deveria vir da linhagem de Maomé, o que deu origem ao grupo xiita.

Cristianismo e Islamismo são duas religiões muito diferentes no que se refere à doutrina, concepção de mundo e prática religiosa. Contudo, no que diz respeito à situação da mulher na sociedade, há algumas proximidades. Como temos por objetivo apresentar alguns apontamentos para entender como o cristianismo e o islamismo reforçam a subalternidade da mulher, vamos abordar a questão das vestimentas.

Uma das características da religião islâmica são as roupas usadas pelas mulheres, que segundo determinação de seus líderes religiosos, devem cobrir da cabeça aos pés, já que, conforme interpretação desses líderes, foi uma ordem escrita pelo profeta Mohammad no livro sagrado do Islã, o Alcorão:

E dize às crentes que baixem o olhar e preservem o pudor e não exibam de seus adornos além do que aparece necessariamente (versículo 31 da surata 24).

Ó Profeta, dize as tuas esposas, tuas filhas e às mulheres dos fiéis que (quando saírem) se cubram com as suas mantas; isso é mais conveniente, para que distingam das demais e não sejam molestadas; saiba que Deus é Indulgente, Misericordiosíssimo (ALCORÃO, surata 33, versículo 59).

Em países como o Irã, o uso da burca é obrigatório, e com a volta do talibã ao poder no Afeganistão, lá também a burca voltou a ser um traje obrigatório para as mulheres.

Ainda de acordo com entendimento dos líderes religiosos, para o uso do véu pelas mulheres, não há uma idade específica para começarem a utilizá-lo. O mais comum é que as mulheres se cubram a partir da sua primeira menstruação. Segundo Ferreira (2013, p. 190):

(...) o hijab apresenta três dimensões: a primeira é visual, ocultar algo da visão (...) A segunda dimensão é espacial, para separar, marcar a diferença, definir a entrada, o acesso. A terceira dimensão refere-se à ética, à moral, diz respeito ao campo do proibido (...) Podemos pensar o véu como fronteira simbólica que separa o que deve e o que não deve ser visto.

Ferreira (2013) elucida que o fato de algo ser oculto não significa que outros elementos não possam ser expostos, o segundo ponto marca a diferença. Uma muçulmana é reconhecida pelo véu que traja, ou seja, ele diferencia a mulher muçulmana em relação as outras. O véu é um símbolo da fé da mulher muçulmana, o que não significa que aquelas que optam por não usá-lo possuem menos fé do que aquelas que decidem trajá-lo (FERREIRA, 2013).

Já para o cristianismo, o véu remete à pureza, castidade, a submissão que a mulher deve ter para com Deus e, portanto, para com seu marido, pois, segundo o apóstolo Paulo

O homem não precisa cobrir a cabeça, pois ele reflete a imagem e a glória de Deus. Mas a mulher reflete a glória do homem, pois o homem não foi feito da mulher, mas a mulher foi feita do homem. O homem não foi criado por causa da mulher, mas sim a mulher por causa do homem. Portanto, por causa dos anjos, a mulher deve pôr um véu na cabeça para mostrar que está debaixo da autoridade do marido (1 Coríntios 11:7-10).

Importante destacar que a roupa usada pelas freiras católicas, denominada 'hábito', lembra muito os trajes de uma mulher muçulmana. O 'hábito' é composto por uma túnica lisa, uma touca que cobre a cabeça e o pescoço, o escapulário, uma peça que se parece com um avental, e usado sobre os ombros, além do uso do véu.

Existem diversas ordens de freiras que são diferenciadas por seus 'hábitos', por exemplo, as Dominicanas vestem o 'hábito' tradicional nas cores preto e branco, já as Missionárias de Caridade usam um 'hábito' listrado de azul e branco que lembra um sari indiano.

Como podemos verificar a partir de algumas passagens da Bíblia e do Alcorão, interpretadas conforme a perspectiva dos líderes religiosos, a mulher deve ser submissa ao seu marido, porque ele foi imbuído pela autoridade divina para comandar e direcionar a família. Os escritos do Apóstolo Paulo para as primeiras comunidades cristãs são repetidos exaustivamente pelos líderes cristãos. Citamos apenas um: “Mulheres, sujeite-se cada uma a seu marido, como ao Senhor, pois o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, que é o seu corpo, do qual ele é o Salvador” (Efésios 5: 22-23).

Quanto ao Alcorão, há trechos que descrevem como a mulher deve ser tratada:

Quanto àqueles, de quem suspeitas rebeldia, admoestai-as (na primeira vez), vedai-lhes vossos leitos (na segunda vez) e castigai-as (na terceira vez); porém, se vos obedecerem, não as provoqueis. Sabei que Deus é Excelso, Magnânimo. E se temerdes desacordo entre ambos (esposo e esposa), apelaí a um árbitro da família dele e outro da dela. Se ambos desejarem reconciliar-se, Deus os reconciliara, porque é Sapiente, Inteiradíssimo (ALCORÃO, 4:34-35)

Bíblia e Alcorão - livros considerados sagrado por homens e mulheres e cuja utilização legítima a opressão, a subserviência e a violência em todas as suas formas: física, emocional, psicológica, sexual.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Elementos culturais possuem relevância na maneira como as mulheres são tratadas em sociedade: em muitas sociedades, após anos de lutas feministas, conquistaram o direito de ir e vir, sem precisarem da autorização de um homem. Porém, em outras sociedades, ainda é um costume que saiam de casa somente acompanhadas por um parente do sexo masculino. Como relata Malala Yousafzai (2013, p.25):

Enquanto os homens e os meninos podem andar livremente pela cidade, minha mãe não tinha autorização para sair de casa sem que um parente do sexo masculino a acompanhasse, mesmo que esse parente fosse um garotinho de cinco anos de idade. É a tradição (YOUSAFZAI, 2013, p.25)

Desde tenra idade, meninos e meninas são criados de maneira diferente, enquanto as garotas brincam com bonecas, representando o espaço privado, os garotos brincam com carrinhos, representando a esfera pública. Em muitas sociedades do

Oriente Médio, é comum que apenas os homens frequentem escolas e faculdades; como relata Malala Yousafzai (2013) “as meninas apenas esperavam o momento de se casar”.

Segundo Klein (2021), a sociedade está respaldada em bases patriarcais, com uma cultura machista e sexista que determina as funções de cada gênero a partir do fator biológico, que impõe a forma correta de agir, de vestir e comportar para homens e mulheres.

Nessa perspectiva, como uma forma de buscar consolo e proteção, as mulheres procuram na religião apoio; contudo, na maioria das vezes se deparam com normas de comportamento e mandamentos que ressaltam os ideais do patriarcado. Segundo Oshiro (2017p. 72):

A opressão das mulheres foi construída socialmente, reforçada e intensificada por mitos, contos e religião, que perduram por milênios. Como forma de justificar a submissão como algo natural, alguns textos religiosos, dentre eles, a Bíblia, reforçaram a ideia patriarcal de que as mulheres eram propriedades dos homens, Os símbolos e as doutrinas cristãs, bem como suas lideranças, reforçam a cultura patriarcal, legitimando um comportamento de obediência e autoritarismo, que resulta em opressão e submissão para as mulheres.

Essas características não são encontradas apenas no cristianismo, mas também no islã, em que algumas comunidades, grupos terroristas e a própria família impõem o que as mulheres muçulmanas devem ou não fazer, se devem ou não usar o véu, se podem ou não estudar: “Os homens são encarregados das mulheres, naquilo que Deus os proferiu uns aos outros.” (Surata das mulheres - Aiat 34).

Mas devemos tomar cuidado para não incentivarmos a islamofobia, isto é, a ideia de que a mulher muçulmana deve ser salva do islamismo, criando e alimentando o preconceito para com essa religião. A mulher tem que ter o seu direito de escolher e decidir - sobre si mesma, seu corpo e seu futuro - não apenas no islã, mas em todas as religiões e em todas as sociedades.

REFERÊNCIA

- BÍBLIA. *1 Coríntios 11:7-10*. Editora Ave Maria: Embu das Artes, São Paulo. Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/>. Acesso em: 20/05/2022
- BÍBLIA. *Efésios 5:22-33*. Editora Ave Maria: Embu das Artes, São Paulo. Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/>. Acesso em: 20/05/2022
- BÍBLIA. *1 Pedro 3:1-6*. Editora Ave Maria: Embu das Artes, São Paulo. Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/>. Acesso em: 20/05/2022.
- ALCORÃO, *Surata 4: 34-35*. Disponível em: <https://www.alislam.org/quran/Holy-Quran-Portuguese.pdf>. Acesso em: 23/09/2022.
- ALCORÃO, *Surata 24:31* Disponível em: <https://www.alislam.org/quran/Holy-Quran-Portuguese.pdf>. Acesso em: 23/06/2022.
- ALCORÃO, *Surata 31:24* Disponível em: <https://www.alislam.org/quran/Holy-Quran-Portuguese.pdf>. Acesso em: 23/06/2022.
- ALCORÃO, *Surata 33:59* Disponível em: <https://www.alislam.org/quran/Holy-Quran-Portuguese.pdf>. Acesso em: 23/06/2022.
- BAPTISTA, Saulo. Religião e Sociologia. *Revista Caminhando*, v ol. 9, n. 1, 2004. Disponível em: <file:///C:/Users/Silva/Documents/IC/Ana%20Karolina/Projeto%20Funda%C3%A7%C3%A3o%20Arauc%C3%A1ria/Religi%C3%A3o%20e%20Sociologia.pdf>. Acesso em: 04/05/2021
- FERREIRA, Francirosy Campos Barbosa. Diálogos Sobre o Uso do Véu (Hijab): Empoderamento, Identidade e Religiosidade. *Perspectivas: Revista de Ciências Sociais*. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/6617>. Acesso em: 23/06/2022
- HOSPEDARIO. *Qual Roupas as Freiras usam?* Disponível em: <https://hospedario.com.br/que-roupas-as-freiras-usam/>. Acesso em: 23/06/2022
- KLEIN, Janaina Luzia. A Manifestação da Religião e Discussão de Gênero no Trabalho de Profissionais da Área de Serviço Social. *Anais Eletrônicos do LERR ... VIII Seminário Internacional Práticas Religiosas no Mundo Contemporâneo (UEL-UBI) 2019*. Disponível em: <http://www.uel.br/laboratorios/religiosidade/anais/index.php/viii2019/viii2019/paper/vi%20ew/192/139>. Acesso em: 14/05/2022
- NUNES, Maria José Rosado. Feminismo, Gênero e Religião – os desafios de um encontro possível. *Estudos de Religião*, v. 31, n.2, 2017. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/7556>. Acesso em: 04/05/2021
- PUNHAL, Ramon Varela. *Mulheres, Sexo e o Matrimônio no Alcorão*. Disponível em: <https://pqi.gal/mulheres-sexo-matrimonio-no-alcorao/>. Acesso em: 04/05/2021
- SILVA, Claudia Neves; LANZA, Fábio. Estudantes de Serviço Social e as religiões: conservadorismo sob nova roupagem? *O Social em Questão*, nº 38, p. 249-268,

mai/ago 2017. Disponível em:

[http://osocialemquestao.ser.pucrio.br/media/OSQ_38_SL_art_1_Silva_Lanza%20\(1\).pdf](http://osocialemquestao.ser.pucrio.br/media/OSQ_38_SL_art_1_Silva_Lanza%20(1).pdf). Acesso em: 22/04/2022

SILVA, Claudia Neves. Manifestações Religiosas dos/as Assistentes Sociais: alguns apontamentos a partir de Max Weber. *Temporalis*, Brasília (DF), ano 20, n. 40, p. 182-200, jul./dez. 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/23873>. Acesso em: 22/04/2022

SILVA, Claudia Neves. Reatualização de Manifestações do Conservadorismo Religioso Nas Atividades De Profissionais Das Áreas Da Educação e do Serviço Social. *Agenda Social*. vol. XVI, n. 1, 2021, p. 83 -100. Disponível em:

<https://revistaagendasocial.com.br/wp-content/uploads/2022/07/6-SILVA.pdf>. Acesso em: 04/06/2022

WOODHEAD, Linda. As Diferenças de Gênero na Prática e o Significado da Religião. *Estud. Sociol*, v.18, n.34, p.77-100. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/5974/4527>. Acesso em: 14/05/2022

YOUSAFZAI, Malala. LAMB, Christina. *Eu Sou Malala: A História da Garota que Defendeu o Direito à Educação e foi Baleada pelo Talibã*. Disponível em:

<https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/13536.pdf>. Acesso em: 04/05/2021.